

FICHA TÉCNICA

Título original: *The Breakdown*

Autora: *B. A. Paris*

Copyright © B. A. Paris 2017

Tradução © Editorial Presença, Lisboa, 2018

Tradução: *Sara Freire de Andrade*

Revisão: *Ana Albuquerque/Editorial Presença*

Imagens da capa: *Dave Wall/Arcangel e Shutterstock*

Capa: *Catarina Sequeira Gaeiras/Editorial Presença*

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

1.ª edição, Lisboa, junho, 2018

Depósito legal n.º 440 922/18

Reservados todos os direitos

para Portugal à

EDITORIAL PRESENÇA

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

info@presenca.pt

www.presenca.pt

SEXTA-FEIRA, 17 DE JULHO

O ribombar de trovões começa quando nos estamos a despedir uns dos outros para as férias de verão. Um enorme estrondo ressoa pelo ar, fazendo a Connie saltar. O John ri-se, o ar é quente e denso à nossa volta.

— Tens de te apressar! — grita ele.

Com um aceno rápido, corro para o meu carro. Quando ali chego, o telemóvel começa a tocar, o som é abafado pela mala. Pelo toque, sei que é o Matthew.

— Já vou a caminho — digo-lhe, remexendo no fecho da porta, no escuro. — Estou a entrar para o carro.

— Já? — A sua voz atravessa a linha. — Pensei que fosses até à casa da Connie.

— Estava para ir, mas pensar em ti à minha espera é demasiado tentador — provoco-o. Registo o tom monocórdico da sua voz. — Está tudo bem? — pergunto.

— Sim, é só que estou com uma enxaqueca horrível. Começou há cerca de uma hora, e está a piorar. Foi por isso que liguei. Importas-te que me deite?

Sinto o ar pesado na minha pele, e penso na tempestade que se aproxima; ainda não começou a chover, mas o meu instinto diz-me que não falta muito.

— Claro que não. Já tomaste alguma coisa?

— Já, mas não está a fazer efeito. Pensei em deitar-me no quarto de hóspedes; assim, se adormecer, não me vais incomodar quando chegares.

— Boa ideia.

— Não gosto muito de me deitar sem saber que chegaste bem a casa.

Sorrio ao ouvir aquilo.

— Não te preocupes comigo, só demoro uns quarenta minutos. A não ser que atravesse o bosque, pela Blackwater Lane.

— Nem te atrevas! — Quase sinto uma pontada de dor a atravessar-lhe a cabeça, ao ouvir a sua voz erguer-se. — Au, isto doeu — diz ele, e estremeço solidária. Ele baixa a voz até um nível mais suportável. — Cass, promete que não vais regressar por esse caminho. Primeiro, não quero que conduzas sozinha e de noite pelo bosque e, segundo, vem aí uma tempestade.

— Ok, não vou pelo bosque — respondo à pressa, sentando-me no assento do condutor, e deixando a mala cair no assento ao meu lado.

— Prometes?

— Prometo.

Giro a chave na ignição e meto a mudança, o telemóvel agora quente entre o ombro e a orelha.

— Conduz com cuidado — avisa-me ele.

— Está bem. Amo-te.

— Amo-te mais.

Guardo o telemóvel dentro da mala, sorrindo devido à sua insistência. Enquanto faço a manobra para sair do lugar onde estacionei, gotas grossas de chuva salpicam o para-brisas. *Aí vem ela*, penso.

Na altura em que chego à estrada, a chuva já cai intensamente. Enfiada atrás de um camião enorme, os meus limpa-para-brisas não conseguem evitar a água lançada pelas suas rodas. Ao ultrapassá-lo, um relâmpago atravessa o céu e, regressando a um hábito de infância, começo uma contagem mental lenta. Ao chegar ao número quatro, oiço o ribombar de resposta do trovão. Afinal, talvez tivesse sido melhor ter ido com os outros até à casa da Connie. Podia ter esperado ali que a tempestade passasse, enquanto o John nos entretinha com as suas histórias e anedotas. Sinto-me ligeiramente culpada ao lembrar-me da expressão dos seus olhos, quando disse

que não me ia juntar a eles. Fora desastrado da minha parte mencionar o Matthew. Devia ter dito que estava cansada como a Mary, a nossa diretora, fez.

A chuva transforma-se numa enxurrada, e os carros na faixa rápida abrandam. Convergem à volta do meu pequeno *Mini*, e aquela opressão repentina faz-me regressar à faixa lenta. Inclino-me para a frente no assento, espreitando pelo para-brisas, desejando que os limpa-para-brisas se movam mais depressa. Um camião passa a rugir, depois outro, e quando este se atravessa na faixa à minha frente sem qualquer aviso, fazendo-me travar abruptamente, parece-me ser demasiado perigoso continuar por esta estrada. Mais relâmpagos atravessam o céu e, sob a sua luz, o letreiro de Nook's Corner, a pequena localidade onde vivo, surge diante dos meus olhos. As letras pretas contra o fundo branco, captadas pelos máximos e brilhando como um farol na escuridão, parecem-me tão convidativas que, de repente, no último instante, quando já é quase demasiado tarde, desvio-me para a esquerda, seguindo pelo atalho pelo qual o Matthew não queria que eu seguisse. Uma buzina toca furiosamente atrás de mim e, enquanto o som me persegue até ao bosque, pela vereda escura como breu, aquilo soa-me a um mau presságio.

Mesmo com os máximos ligados, mal consigo ver por onde vou e arrependo-me de imediato de ter deixado atrás de mim a estrada bem iluminada. Embora esta estrada seja bela de dia — atravessa um bosque cheio de campainhas —, as depressões do terreno e as curvas escondidas vão torná-la traiçoeira numa noite como esta. Um nó de ansiedade enrola-se-me no estômago ao pensar na viagem que tenho pela frente. Mas a casa fica apenas a quinze minutos de distância. Se mantiver a calma, e não fizer nada de precipitado, em breve estarei em casa. Apesar disso, acelero um pouco.

Uma rajada repentina de vento atravessa as árvores, fazendo abanar o meu pequeno carro e, enquanto me debato para o manter firmemente na estrada, atinjo uma depressão. Durante alguns segundos assustadores, as rodas deixam o solo e o estômago salta-me para a boca, dando-me a horrível sensação de estar numa montanha-russa. Quando as rodas voltam ao chão, a água corre por um dos lados do carro e cai em cascata no para-brisas, cegando-me por instantes.

— Não! — grito, enquanto o carro estremece, e para na água que se acumula.

O medo de ficar presa no bosque faz a adrenalina correr-me nas veias, e entro rapidamente em ação.

Meto ruidosamente a mudança, e baixo o pé com toda a força. O motor resmunga em protesto, mas o carro avança, atravessando a água e subindo o outro lado da depressão. O meu coração, que acompanha o ritmo dos limpa-para-brisas enquanto estes se movem enlouquecidamente para a frente e para trás, bate tão depressa que preciso de alguns segundos para recuperar o fôlego. Mas não me atrevo a parar, com medo de que o carro se recuse a arrancar. Por isso, continuo a conduzir, agora com mais cuidado.

Alguns minutos depois, o estalar repentino de um relâmpago faz-me saltar tão violentamente que as minhas mãos voam do volante. O carro desvia-se perigosamente para a esquerda e, enquanto o viro para a posição correta com as mãos a tremer, sinto um afluír de medo ao pensar que não vou conseguir chegar inteira a casa. Tento acalmar-me mas sinto-me cercada, não apenas pelos elementos, mas também pelas árvores que se contorcem para a frente e para trás num bailado macabro, prontas a arrancar a qualquer momento o meu pequeno carro da estrada e a atirá-lo para a tempestade. Com a chuva a bater no tejadilho, o vento a abanar as janelas e os limpa-para-brisas a moverem-se, é difícil concentrar-me.

Há curvas mais adiante, por isso inclino-me para a frente e aperto o volante com força. A estrada está deserta e, enquanto contorno uma curva e depois outra, rezo para conseguir ver alguns faróis traseiros à minha frente, de modo a poder segui-los durante o resto do caminho através do bosque. Quero telefonar ao Matthew, só para ouvir a sua voz, só para saber que não sou a única pessoa que resta no mundo, porque é assim que me sinto. Mas não o quero acordar, não quando ele tem uma enxaqueca. Além disso, ele ficaria furioso se soubesse onde estou.

No momento em que penso que a minha viagem nunca mais vai acabar, faço uma curva e vejo os faróis traseiros de um carro uns cem metros à minha frente. Soltando um suspiro trémulo de alívio, acelero um pouco. Tendo a intenção de o apanhar, é só quando me

encontro quase em cima dele que me apercebo de que o carro não se está a mover, mas parado de um modo estranho numa pequena faixa de emergência. Apanhada desprevenida, contorno-o, evitando o seu para-choques direito por milímetros e, quando me encontro ao seu lado, viro-me e olho zangada para o condutor, pronta a gritar-lhe por não ligar os piscas. Uma mulher retribui-me o olhar, as suas feições desfocadas pela chuva intensa.

Pensando que o seu carro está avariado, paro um pouco à sua frente, deixando o motor ligado. Sinto pena dela por ter de sair do carro em condições tão horríveis e, enquanto continuo a olhar pelo retrovisor — perversamente satisfeita, por saber que outra pessoa foi tola o suficiente para atravessar o bosque numa tempestade —, imagino-a a vasculhar o carro à procura de um guarda-chuva. Passam-se uns bons dez segundos, antes de me aperceber de que ela não vai sair do carro; não consigo evitar sentir-me irritada, porque decerto que ela não está à espera que eu vá a correr até ao seu carro nesta enxurrada?! A não ser que não consiga sair do carro por algum motivo — mas, nesse caso, não iria ela ligar os piscas, ou tocar a buzina para me indicar que precisa de ajuda? Mas não acontece nada, por isso começo a desafivelar o cinto, os olhos ainda fixos no retrovisor. Embora não a consiga ver com nitidez, há qualquer coisa de estranho na maneira como está ali sentada com os faróis acesos, e as histórias que a Rachel me costumava contar quando éramos miúdas invadem-me a cabeça: histórias acerca de pessoas que paravam para ajudar alguém cujo carro se tinha avariado, apenas para descobrirem que havia um cúmplice à espera para lhes roubar o carro; histórias a respeito de condutores que saíam dos seus carros para ajudar um veado ferido e caído na estrada, apenas para serem brutalmente atacados e descobrirem que tudo aquilo fora encenado. Volto a pôr rapidamente o cinto. Quando passei, não vi mais ninguém no carro, mas isso não significa que não esteja ali mais alguém, escondido no assento traseiro, pronto para saltar sobre mim.

Outro relâmpago atravessa o céu, e desaparece no bosque. O vento aumenta de intensidade e ramos arranham a janela do lado do passageiro, como alguém a tentar entrar. Um arrepio percorre-me a espinha. Sinto-me tão vulnerável que solto o travão,

e faço o carro avançar um pouco, de modo a parecer que me vou embora, esperando incitar a mulher a fazer alguma coisa — qualquer coisa — que me diga que não quer que eu me vá embora. Mas continua sem acontecer nada. Com uma certa relutância, volto a parar, porque não me parece correto ir-me embora e deixá-la ali. Mas também não me quero colocar em perigo. Agora que penso nisso, ela não me pareceu perturbada quando passei, não me acenou freneticamente, nem deu qualquer indicação de que precisava de ajuda, por isso talvez alguém — o seu marido, ou um dos serviços de assistência a veículos — já esteja a caminho. Se o meu carro se avariasse, o Matthew seria a primeira pessoa a quem eu pediria ajuda, não a um desconhecido num carro.

Enquanto estou ali sentada, a pensar nisto, a chuva começa a cair com maior rapidez, a bater com insistência no tejadilho — *Vai, vai, vai!* Aquilo faz-me decidir. Solto o travão e afasto-me o mais devagar possível, dando-lhe uma última oportunidade para me chamar. Mas ela não o faz.

Passados poucos minutos, já saí do bosque e dirijo-me para casa, uma casa bonita e antiga com roseiras a treparem por cima da porta da frente, e um jardim extenso nas traseiras. O meu telemóvel solta um *bip*, indicando que tenho outra vez sinal. Um quilómetro, ou pouco mais, ao fundo da estrada, viro para o caminho de acesso à casa e estaciono o mais perto possível da entrada, satisfeita por ter chegado sã e salva. Ainda estou a pensar na mulher no carro, e pergunto-me se devo telefonar para a esquadra local, ou para os serviços de assistência, para lhes falar dela. Lembrando-me de que recebi uma mensagem quando saí do bosque, tiro o telemóvel da mala e olho para o visor. É uma mensagem da Rachel:

Olá, espero que te tenhas divertido! Vou-me já deitar. Tive de ir trabalhar assim que cheguei do aeroporto, por isso estou cheia de jet-lag. Só queria saber se compraste a prenda para a Susie. Ligo-te amanhã de manhã xx

Quando chego ao fim da mensagem, dou por mim a franzir a testa — porque é que a Rachel estava a querer saber se eu tinha

comprado um presente à Susie? Não o tinha feito, ainda não, porque com a preparação do final do ano letivo tinha estado demasiado ocupada. De qualquer maneira, a festa é só amanhã à noite, e tinha planeado ir às compras de manhã para lhe oferecer qualquer coisa. Volto a ler a mensagem e, desta vez, as palavras «a prenda» em vez de «uma prenda» chamam-me a atenção, porque me parece que a Rachel está à espera que eu tenha comprado qualquer coisa em nome de ambas.

Penso na última vez que a vi. Fora há cerca de duas semanas, no dia anterior à sua partida para Nova Iorque. Ela é consultora na sucursal inglesa de uma enorme empresa de consultadoria americana, a Finchlakers, e vai com frequência aos Estados Unidos da América em trabalho. Naquela noite, tínhamos ido juntas ao cinema e depois fôramos beber qualquer coisa. Talvez tivesse sido nessa altura que ela me pedira para comprar alguma coisa para a Susie. Dou voltas à cabeça, tentando lembrar-me, tentando calcular aquilo que poderíamos ter decidido comprar. Podia ter sido qualquer coisa — perfume, joias, um livro —, mas não me lembro de nada. Ter-me-ia esquecido? Recordações da minha mãe, recordações desconfortáveis, invadem-me os pensamentos e afasto-as de imediato. *Não é a mesma coisa*, penso furiosamente, *não sou a mesma pessoa. Amanhã, ter-me-ei lembrado.*

Volto a guardar o telemóvel na mala. O Matthew tem razão, preciso de férias. Se me conseguisse descontraír durante algumas semanas numa praia, ficaria ótima. E o Matthew também precisa de férias. Não tínhamos tido uma lua de mel porque estivéramos demasiado ocupados a renovar a nossa casa, por isso a última vez que tivera férias a sério, do género em que não se faz nada durante todo o dia a não ser ficar-se deitado na praia a absorver o sol, fora há dezoito anos, antes da morte do meu pai. Depois disso, o orçamento fora sempre demasiado apertado para fazer alguma coisa, em especial quando tive de desistir do meu trabalho como professora para tratar da minha mãe. Fora por esse motivo que, pouco depois de ela ter morrido, quando descobri que em vez de uma viúva sem um tostão, ela era de facto rica, fiquei devastada. Não consegui perceber porque é que ela se sentira satisfeita em viver com tão pouco

quando poderia ter tido uma vida luxuosa. Senti-me tão chocada que mal ouvi o que o advogado estava a dizer, por isso na altura em que consegui apreender quanto dinheiro havia, limitei-me a olhar para ele, descrente. Eu pensara que o meu pai nos deixara sem nada.

O ribombar do trovão, agora mais afastado, faz-me regressar ao presente. Olho pela janela, perguntando-me se conseguirei sair do carro e chegar ao alpendre sem me molhar. Com a mala apertada contra o peito, abro a porta e corro até casa, a chave pronta na mão.

Descalço-me no vestíbulo e subo até ao piso de cima em bicos de pés. A porta do quarto de hóspedes está fechada, e sinto-me tentada a abri-la só um pouco, para ver se o Matthew está a dormir. Mas não me quero arriscar a acordá-lo, e em vez disso preparo-me rapidamente para me deitar e já adormeci, antes de a minha cabeça tocar na almofada.